

Iniciativa Imagine Brasil

Síntese do Diálogo sobre Educação

A iniciativa **Imagine Brasil** tem como objetivo mobilizar lideranças de diferentes segmentos da sociedade, visando contribuir para o Brasil encontrar caminhos para o seu desenvolvimento. Esta etapa do projeto prevê a realização de reflexões e diálogos com especialistas sobre as aspirações e as expectativas em suas áreas de atuação para a década, num cenário que contemple uma visão do contexto atual e suas perspectivas até 2030.

Após o evento de lançamento do projeto, realizado em agosto, o primeiro diálogo da iniciativa, focado no segmento de Educação, aconteceu no dia 27 de setembro e contou com a presença de 10 convidados e da equipe da FDC.

Participaram os seguintes especialistas: Cláudia Costin, Cláudio de Moura Castro, Daniel de Bonis, Fernando Abrucio, Henrique Paim, Ivan Cláudio Pereira Siqueira, Maria Inês Fini, Mozart Neves Ramos, Rafael Luchesi, Ricardo Henriques (minibios em outro arquivo).

Os participantes foram convidados a refletir a partir de dois questionamentos:

- Quais são as suas expectativas para a educação no Brasil até 2030?
- Quais são as suas aspirações para a educação no Brasil em 2030?

A seguir, as principais contribuições dos especialistas, que fizeram, inicialmente, discussões em dois grupos separados e, na sequência, realizaram uma reflexão final em plenária.

.....

Em destaque

- A desigualdade educacional começa no berço e vai sendo ampliada ao longo da vida;
- Os brasileiros, de uma forma geral, já valorizam o acesso à educação; mas ainda não valorizam a qualidade da educação;
- O tema educação é geralmente debatido somente por educadores. É fundamental a ampliação do envolvimento das famílias e da sociedade para que ele se torne um valor para a sociedade brasileira;
- É necessária uma boa comunicação com a sociedade sobre a importância da educação, estabelecendo-se uma conexão direta entre o nível e a qualidade da educação com as condições de vida dos cidadãos;
- O Brasil precisa de um projeto de país, e o projeto de educação deve estar conectado a ele;

- É fundamental preparar a população brasileira para a 4ª revolução industrial, que demanda novas competências. Isso requer uma mudança da matriz dos cursos superiores e uma adequação dos demais, seja EJA ou ensino profissionalizante, com melhora expressiva da qualidade, considerando-se também o histórico dos indivíduos, de forma a não deixar ninguém para trás.

Contexto histórico e expectativas

- Nos últimos 30 anos – até 2018 –, a educação brasileira passou por um processo de grandes melhorias, apesar dos diversos gargalos e de problemas estruturais que ainda persistiram. Inegavelmente, o cenário melhorou muito, se forem observados os indicadores de acesso e de qualidade do ensino. Mas esse processo enfrenta dois grandes problemas: por um lado, nosso legado histórico é muito ruim. Por outro, a educação implica mudanças interrelacionais, cujos efeitos são muito mais lentos e cheios de entraves em relação a outras políticas públicas.
- Mesmo levando-se em conta que houve um grande avanço nessas quatro décadas, a taxa de crescimento econômico, hoje, equivale à metade da média dos países desenvolvidos. O Brasil perdeu a posição de líder no crescimento mundial, sendo relegado a uma outra bem mais modesta e distante até mesmo da média de crescimento dos países emergentes.
- A questão mais relevante não é somente melhorar e aperfeiçoar os processos educacionais, mas garantir que eles ocorram com maior velocidade, o que implica haver maior capacidade para queimar etapas.
- Um aspecto relevante nesse contexto está relacionado à chamada quarta revolução industrial, também denominada de nova economia, que tem como desafio olhar de outra maneira para as competências educacionais que serão necessárias para atuar no mundo do trabalho. Não é possível, portanto, pensar somente em competências cognitivas básicas, mas também em níveis mais sofisticados.
- Paralelamente, não se pode deixar de lado a questão do ensino médio técnico e profissional, que hoje abrange um número muito pequeno de alunos – uma vez que apenas cerca de 9% dos jovens estão optando por essa modalidade de formação. E isso sem levar em conta também o baixíssimo acesso da população à universidade. Em ambos os casos, há um preocupante cenário de exclusão.

- E é preciso considerar também a importância de a universidade se conectar mais com algum projeto de nação em sintonia com a sociedade e a economia do país.
- Ocorre, contudo, que o cenário atual é assustador, pois o Brasil tem um governo que é contra a ciência, contra a escola e contra a geração de conhecimentos na escola.
- Um dos problemas a serem enfrentados no futuro próximo é o fato de o governo federal se posicionar, atualmente, não só contra a escola pública, mas contra o ensino em geral. E, para completar o quadro adverso, em tempos de pandemia, é preciso avaliar a questão da desigualdade de aprendizagem, que piorou muito nesse período.
- Na realidade, o país está diante de duas possibilidades. Uma alternativa é manter a linha de resistência em prol da educação e em sintonia com grande parte da sociedade civil, com o setor privado e com os governos estaduais.
- Outra opção, a depender dos resultados das eleições do ano que vem, será abandonar esse estado de resistência para, novamente, retomar o processo em curso nas últimas três décadas, que trouxe muitos avanços para a educação, mas que está sendo seriamente comprometido pela gestão do atual governo.
- Contudo, esse tipo de resistência tem um limite em uma federação como o Brasil, que é um país muito extenso. Se não forem colocadas em prática políticas nacionais, coordenadas por um MEC razoavelmente organizado, será mais difícil avançar em muitas áreas e haverá ainda um maior grau de desigualdade.
- O que existe, na realidade, é um MEC totalmente ausente dos debates e dos grandes temas de relevância nacional e internacional. A pauta da instituição está voltada, por exemplo, para questões como o *homeschooling* e a educação cívico-militar.
- Nesse contexto, é possível vislumbrar pelo menos cinco vetores de ação diante da realidade da educação e do contexto político do país. Um primeiro, como dito, está relacionado aos resultados eleitorais, especialmente diante da possibilidade de vitória nas urnas de qualquer uma outra linha política diferente da atual, independentemente do candidato. Nesse caso, será possível retomar e intensificar a desejável velocidade das mudanças e dos processos de inovação, numa linha mais disruptiva em relação ao cenário atual.

- Um segundo vetor de possibilidades de ação tem a ver com as parcerias com o terceiro setor e mesmo com o setor empresarial, que tem percebido essa necessidade de se tornar mais proativo nos próximos anos. Esses segmentos têm se aproximado mais das escolas e dos professores, inclusive na perspectiva do ensino profissional. Mas percebe-se que falta “um motor mais possante” para que essas parcerias possam conduzir a essas novas trilhas.
- Um terceiro vetor de ação, no qual também tem havido expressivas transformações, tem a ver com a aproximação de grandes instituições com a escola pública, especialmente as da periferia das grandes cidades, como no caso de São Paulo. É preciso tirar os jovens, principalmente os negros de baixa escolaridade, das rotas do tráfico. Com o Prouni e as cotas, essa realidade estava mudando no país.
- Há, portanto, um quarto vetor, com reflexos nacionais e internacionais, que é a própria pandemia. Existe, nesse contexto, uma pressão por busca de soluções, e haverá ainda muito a se pensar sobre elas.
- Por fim, há um quinto vetor, que é o fato de a grande maioria da sociedade brasileira ser formada pelos segmentos das classes D e E. Sabe-se que todas as classes aspiram ter oportunidades e dependem muito de vontade e de ação política, o que não é simples de ser equacionado.
- Vale salientar que um aspecto positivo da pandemia é o fato de ela ter acelerado o acesso dos professores às ferramentas digitais, tornando-os mais tecnológicos e menos arredios aos avanços das novas tecnologias em geral, criando, conseqüentemente, novas oportunidades de trabalho.
- Esse novo perfil e os novos papéis dos educadores passaram a ser mais percebidos e valorizados pelas famílias, na medida em que muitas delas descobriram isso ao ficarem mais tempo em casa, em função do isolamento social e do trabalho remoto.
- Historicamente, a sociedade não tinha uma consciência clara de que precisava mandar todos os filhos para a escola. Felizmente, hoje, essa percepção mudou completamente e já há uma forte consciência na sociedade quanto à importância de as crianças irem para a escola.
- Mas essa mesma sociedade não consegue ainda dar o salto para exigir uma educação de qualidade. Isso vai consolidando um fenômeno grave, que é a falta de capacidade coletiva de buscar e desenvolver soluções para a educação, num contexto de falta de cobrança e de novas aspirações quanto ao processo de ensino e aprendizagem.

- Deve-se levar em conta também a necessidade de se englobarem ainda os pequenos municípios, onde a questão da desigualdade social deve ser diretamente atacada, por meio do regime de colaboração horizontal.

Aspirações

- Inicialmente, é preciso considerar pelo menos três desafios fundamentais para os próximos nove anos, na perspectiva da realidade do país em 2030: em primeiro lugar, a possibilidade de fazer com que todos os estudantes tenham pleno domínio dos conteúdos e das competências educacionais, por meio de uma transição consciente que vise recolocar o que foi perdido durante a pandemia.
- Em segundo lugar, a existência de meios para melhorar as condições de trabalho e de remuneração dos professores e gestores escolares, numa perspectiva de criar jornadas condizentes de trabalho, diferentemente da realidade atual de remuneração com base em hora-aula. Em nenhum país da Europa, por exemplo, isso acontece mais.
- É preciso garantir que os professores não tenham uma jornada estendida, mas sim compatível com qualquer outro profissional de nível superior, com limitação de 40 horas semanais, alocadas preferencialmente a uma única escola. Isso contribuiria para que eles pudessem desenvolver trabalhos colaborativos e com maior proximidade com cada aluno.
- E, em terceiro lugar, que todas as famílias, especialmente as que utilizam a escola pública, tenham acesso e acessibilidade total às redes digitais de comunicação.
- Para isso, é preciso, paralelamente, abolir a palavra repetência do vocabulário e colocar como prioridade o combate ao abandono e à evasão escolar.
- É preciso garantir que haja, no país, uma educação inclusiva equitativa e, ao mesmo tempo, de qualidade, para que se possa oferecer oportunidade de aprendizagem para todos ao longo da vida.
- A educação deve ser vista como um dos caminhos para estabelecer este projeto de país, sempre relacionando-a às metas do crescimento econômico, visando atingir uma etapa de desenvolvimento construído com inclusão social.
- É preciso ter uma obsessão pela construção de maior equidade e menor desigualdade educacional. Afinal, o Brasil já tem um dos piores resultados

do mundo no Pisa e, com a pandemia, isso se agravou ainda mais entre os que participaram da última edição dessa avaliação.

- Nesse contexto, surge mais uma questão fundamental que é a necessidade de promover uma comunicação eficiente com todos os segmentos sociais. Na medida em que conseguirmos nos comunicar de forma mais eficaz em busca de uma educação melhor e diferente, focada no conhecimento, estaremos abrindo caminho para novas oportunidades. E, dessa forma, as pessoas, com razão, vão aspirar a novas conquistas, sempre mais.
- O Brasil tem todas as condições objetivas e capacidade comunicacional de excelente qualidade. Nesse sentido, é preciso atrair profissionais das comunicações para que possamos fazer um trabalho conjunto e criar caminhos para novas oportunidades, essenciais para as famílias de baixa renda.
- Ainda com base em uma política eficiente de comunicação, é possível abrir para as camadas mais pobres o caminho de mais oportunidades, trazendo a educação de volta para os trilhos da transformação.
- É fundamental repensar as formas de envolver os pais, os familiares e a sociedade em geral nas iniciativas que têm como meta avançar na busca da melhoria da qualidade na educação.
- Como já registrado aqui, a sociedade ainda se dá por satisfeita pelo fato de os filhos estarem na escola. Por isso, temos de aspirar a mais do que o acesso ao diploma, passando a ter como desafio a busca permanente pela excelência e pela qualidade da educação.
- Por que a Finlândia tem a melhor educação do mundo? Porque a sociedade exige. Aqui, a classe política sabe que não se cobra isso e, portanto, não gasta seu capital político para buscar melhorias na educação.
- Em outras palavras: vencemos a barreira de fazer os pais entenderem a importância do diploma, no sentido de se completar um ciclo de vida. Mas a sociedade não conseguiu avançar no sentido de ter consciência de que a diferença se dará não pela educação em si, mas pela educação de qualidade ou a educação de excelência. Esta tem de ser a nova meta ou o novo desafio.
- Torna-se premente, também, ampliar este debate sobre a qualidade na educação, para que seja possível potencializar as experiências que deram certo e atuar sempre com base nessas evidências, escapando das

armadilhas do achismo. Assim, será possível trazer a ciência para o debate sobre o que realmente importa para a melhoria da aprendizagem e para a redução da desigualdade educacional.

- Em geral, a sociedade brasileira valoriza muito pouco o conhecimento. As famílias precisam entender que “ir para a escola” tem um sentido muito mais amplo do que simplesmente assistir a aulas. É preciso reforçar o valor simbólico da educação e há várias maneiras de se fazer isso.
- Todo esse esforço seria muito mais factível se fosse possível ter um projeto com tal escopo. Este seria um bom caminho – algo a ser desenvolvido num prazo de 20 ou 30 anos, com o engajamento de várias gerações.
- A educação brasileira precisa ser vista, também, na perspectiva da valorização e da canalização das potencialidades do país, entre as quais se destacam a cultura e suas diversidades. Para isso, é preciso investir em um projeto de Brasil, ao qual a educação precisa estar conectada.
- E esse projeto precisa ser bem estruturado, bem planejado e, principalmente, contar com a maior legitimidade social possível. Afinal, aspirações, sonhos e desejos são valores exequíveis e realizáveis que vão além da educação, mas, sem dúvida, passam por ela.
- Não se pode pensar no futuro da educação sem levar em conta a necessidade de forte engajamento social, de forma a conceber um verdadeiro projeto de vida.
- No nível mais micro, ao se alinharem os pontos gerais de uma iniciativa como esta, é preciso refletir e, antes de começar cada aula, fazer a seguinte pergunta: o que será ensinado para estes alunos? E como fazer isso para eles perceberem que o conhecimento será útil para as suas vidas?
- Se a escola não partir dessa premissa, ela vai continuar repetindo essas mesmas coisas – em relação às quais o professor não sabe para que servem, e os alunos, menos ainda. É preciso ter claro o seguinte: se o professor não sabe para que serve determinado conteúdo, ele não serve para ser professor.
- Para que tudo isso faça sentido, será necessário abrir este diálogo com os representantes dos demais setores envolvidos com essa iniciativa. É preciso dimensionar o valor da educação nesse contexto.
- Na medida em que as pessoas começarem a ver o impacto real da educação em suas vidas, por meio, por exemplo, da elevação de sua

renda, da perspectiva de maior longevidade de vida e das interrelações da educação com outras áreas, como a cultura e o esporte, será possível potencializar essa iniciativa. É necessário que se crie essa teia e que se garanta esta interrelação da educação com outros setores, visando mobilizar o país para essa causa.

- É preciso ter como aspiração trazer a educação de volta ao radar dos trabalhadores assalariados que estão, em sua maioria, comprometidos apenas com a sobrevivência.
- Nesse sentido, é preciso que sejam feitos todos os esforços para que essas questões levantadas aqui sejam integradas às dos demais grupos que estão trabalhando em torno do Imagine Brasil.
- A FDC tem um papel de grande relevância na elaboração desse projeto de educação nacional ao promover iniciativas como o Imagine Brasil, em sintonia com outras entidades e organizações.